

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
INSTITUTO VILLA-LOBOS
LICENCIATURA EM MÚSICA

EDUCAÇÃO MUSICAL FORMAL, NÃO-FORMAL E INFORMAL: UM ESTUDO
SOBRE PROCESSOS DE ENSINO DA MÚSICA NAS IGREJAS EVANGÉLICAS DO
RIO DE JANEIRO

DÉBORA FREITAS

RIO DE JANEIRO, 2008

EDUCAÇÃO MUSICAL FORMAL, NÃO-FORMAL E INFORMAL: UM ESTUDO
SOBRE PROCESSOS DE ENSINO DA MÚSICA NAS IGREJAS EVANGÉLICAS DO
RIO DE JANEIRO

por

DÉBORA FERREIRA DE FREITAS

Monografia apresentada ao Instituto Villa-Lobos, Centro de Letras e Artes da UNIRIO, como requisito parcial para a conclusão do curso de Licenciatura em Música, sob a orientação da professora Silvia Sobreira.

Rio de Janeiro, 2008

FREITAS, Débora Ferreira de. Educação musical formal, não-formal ou informal: um estudo sobre processos de ensino da música nas Igrejas Evangélicas do Rio de Janeiro. 2008. Monografia (Licenciatura Plena em Educação Artística – Habilitação Música) – Instituto Villa-Lobos, Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

RESUMO

Esta monografia visa identificar os tipos de educação existentes dentro das Igrejas Evangélicas na cidade do Rio de Janeiro. Através de entrevistas identificou-se atividades que ajudaram na classificação da educação musical. Entrevistas com alunos do próprio instituto Villa-Lobos tiveram como objetivo levantar o número de alunos que iniciaram os seus estudos musicais nas Igrejas Evangélicas e que prosseguiram em outras instituições. Este trabalho revela que a função das Igrejas Evangélicas na educação musical é considerada de bastante relevância atualmente.

Palavras-chave: Ensino musical – Classificação – Igrejas Evangélicas

AGRADECIMENTOS

AGRADEÇO A DEUS, O TODO PODEROSO, POR TER ME CONCEDIDO
SABEDORIA PARA DESENVOLVER ESTE TRABALHO.
AGRADEÇO AOS MEUS PAIS PELO AMOR, CRIAÇÃO E POR TEREM ME
APOIADO NA DECISÃO DE SEGUIR CARREIRA NA MÚSICA E A TODOS QUE
ME AUXILIARAM NO DECORRER DO CURSO.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

CAPÍTULO 1 – A EDUCAÇÃO MUSICAL NA IGREJA.....10

1.1 – Breve Histórico

1.2 – Levantamento da Situação Metodológica do Ensino de música das Igrejas Evangélicas

1.2.1 – Método de Bandas de Música e Grupos de Louvor

1.2.2 – Método de Canto

CAPÍTULO 2 – FORMAÇÃO DE PROFESSORES E PROFISSIONAIS.....17

2.1 – Problemas encontrados

CAPÍTULO 3 – EDUCAÇÃO FORMAL, INFORMAL E NÃO-FORMAL: CLASSIFICAÇÃO DA EDUCAÇÃO MUSICAL NAS IGREJAS EVANGÉLICAS.....23

CAPÍTULO 4 – RELATO DAS PESQUISAS.....27

4.1 – Igreja Evangélica Assembléia de Deus em Campo dos Afonsos

4.2 – Igreja Batista em Jacarepaguá

4.3 – Igreja Congregação Cristã do Brasil em Vila Valqueire

4.4 – Instituto Villa-Lobos – Escola de música da UNIRIO

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....33

ANEXOS.....35

INTRODUÇÃO

A religião é uma das forças que opera e que condiciona a prática educativa. Inserida neste meio está a prática de ensino musical (Libâneo, 2007). A música não é ensinada apenas nas escolas, mas também em centros comunitários, associações, clubes, hospitais, abrigos, empresas, instituições não escolares e nas igrejas (Santos, 2001; Wille, 2005), que será o local abordado neste trabalho.

Em abril de 2007, foi publicada uma reportagem na revista *Veja*, mostrando a participação dos evangélicos na música clássica. A referida reportagem revela dados obtidos em pesquisa realizada pelo IBGE que identifica a porcentagem de 35% músicos brasileiros evangélicos dentre os participantes da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo – OSESP. A pesquisa também revela que os músicos evangélicos concentram-se nas seções de metais e madeiras das orquestras brasileiras e afirma que as igrejas que mais formam músicos são a Assembléia de Deus, a Igreja Batista e a Congregação Cristã no Brasil.

As igrejas evangélicas estão mudando o comportamento dos brasileiros em vários aspectos – o mais inesperado deles é uma maior aceitação da música clássica. Na última década, instrumentistas que tiraram os primeiros dos acordes em salas de aula improvisadas em igrejas, passaram a representar um percentual cada vez maior nas principais orquestras nacionais (Favaro, p. 35. 2007).

A referida pesquisa mostra que o percentual de músicos na população brasileira é de 15%, portanto, o percentual obtido na orquestra é bem representativo. A reportagem também relata que até a década de 70 predominavam nas salas de aula os jovens de classe média que iniciaram seus estudos de música em outros locais, com conservatórios ou

escolas de música, por exemplo. A expansão das igrejas evangélicas nos anos 80 fez aumentar o número de pessoas interessadas no aprendizado da música (Favaro, 2007). Destaca-se, ainda, na reportagem a crescente perda de interesse dos pais de classe média pelas aulas particulares de piano ou violino, que no passado eram um item comum na educação dos jovens.

A ausência de um ensino musical efetivo nas escolas brasileiras limita tanto a formação de profissionais como a de ouvidos treinados para apreciar a música, sendo também um fator que propicia a procura pelos estudos de música oferecidos pelas igrejas evangélicas. Pode-se afirmar que essas tornaram-se um dos raros locais onde se investe em formação musical no Brasil (Favaro, 2007).

No resultado encontrado na pesquisa atentei para a necessidade de desenvolver uma pesquisa sobre a classificação do ensino musical que acontece no ambiente das igrejas evangélicas.

Tendo constatado que dados mostrados na reportagem da revista *Veja* coincidiam com minha observação sobre grande incidência de alunos evangélicos no meu ambiente de trabalho e na Universidade onde estudo, decidi empreender uma pesquisa mais profunda no contexto da UNIRIO para checar a proporção de alunos desta universidade que devem sua formação musical inicial às igrejas evangélicas.

Também serviu de estímulo para empreender a pesquisa, a constatação de que existe um número crescente de alunos que iniciam o estudo de música na igreja e que, através das atividades da banda ou do coro, se tornaram monitores ou professores de turmas de teoria, regentes de coro ou até instrutores de instrumentos musicais. O aluno prossegue o estudo musical para ampliar seus conhecimentos iniciais, buscando então, as instituições de educação formal: escolas de música de nível básico, técnico ou mais além,

como as universidades, locais que permitem a continuidade dos estudos fora do ambiente religioso.

O objetivo deste trabalho é definir e identificar qual é o tipo de educação predominante nas igrejas evangélicas e os métodos e procedimentos mais utilizados atualmente nesses contextos. As seguintes indagações ajudaram a construir este trabalho: (1) A formação dada nas igrejas é capaz de criar músicos e professores autônomos, capazes de refletir sobre sua própria prática? (2) Qual é o tipo de formação dos profissionais que ensinam música nas igrejas? (3) Como pode ser classificado o ensino nas igrejas, formal, não-formal ou informal?

Para realizar os objetivos deste estudo, foram adotados os seguintes procedimentos:

-pesquisa na turma de PROM de coro Infantil do primeiro semestre de 2008, de trinta e dois alunos, a fim de constatar a incidência de evangélicos na turma. A amostragem, embora pequena, mas pode ser representativa considerando que o Instituto Villa-Lobos, escola de música na UNIRIO, tem um corpo discente de cerca de cento e setenta alunos no curso de Licenciatura.

-pesquisa em três igrejas daquelas citadas pela revista Veja como as que mais contribuem com músicos para o mercado de trabalho. São elas: Igreja Assembléia de Deus em Campo dos Afonsos, Congregação Cristã do Brasil em Vila Valqueire e Igreja Batista em Jacarepaguá. A abordagem através de entrevistas semi-estruturadas com os professores, regentes de coro e instrumentistas dessas igrejas foi escolhida como pertinente para responder às questões que motivaram este trabalho.

A música sempre esteve associada ao acompanhamento de diversas práticas religiosas, no entanto, o aumento do número de músicos advindos dos meios evangélicos

impõe um maior esclarecimento dessa nova realidade. O grande número de alunos evangélicos do Instituto Villa-Lobos, nossa escola de música justifica um estudo buscando uma maior compreensão deste alunado e sua formação.

O canto é reconhecido por todos como prática característica das igrejas evangélicas, mas poucos sabem da utilização e incentivo da prática de outros instrumentos e da formação de bandas. Um estudo neste campo pode ajudar a compreender a diversidade de práticas musicais adotadas nas igrejas.

Através deste trabalho pretendo penetrar nos estudos de um campo de estudos que parece promissor.

O referencial teórico utilizado para as análises feitas neste trabalho foram encontrados em textos da Revista Brasileira de Educação Musical – ABEM e em José Carlos Libâneo. Também foram pesquisadas as monografias produzidas no IVL que abordam temas relacionados ao assunto.

CAPÍTULO 1 – A EDUCAÇÃO MUSICAL NA IGREJA

1.1- Breve histórico das práticas musicais em igrejas

Nas práticas religiosas, os louvores e os cânticos estiveram sempre presentes, mas se aproximaram mais dos fiéis através da Reforma Protestante.

O idealizador da Reforma, Martin Lutero, sempre reconheceu e enfatizou o grande poder da música. Através da Reforma, foi restabelecida a participação congregacional como fundamento da adoração. O canto congregacional passou a ser uma ferramenta indispensável, mas o mesmo necessitava de acompanhamento instrumental (Kerr, 2000). O harmônico foi o mais apropriado a ser incluído. Assim, pianos, órgãos eletrônicos, órgãos de tubos, cada um a seu momento foram sendo introduzido no serviço religioso. Para os Luteranos, o órgão de tubos veio mais cedo, ao lado dos trombones. Os instrumentos de sopro vieram mais tarde, por volta do século XVI (Kerr, 2000).

No início, o aprendizado musical era transmitido no decorrer dos cultos, na comunhão dos irmãos e através dos ensaios. “Por surgir da própria prática, aprende-se a cantar sem saber que está aprendendo, e para um propósito bem definido – O louvor a Deus” (Kerr, p.4, 2004). A música era utilizada tanto como um auxiliar evangelizador através dos hinos quanto para promover uma atmosfera de elevação espiritual, sem o uso de palavras, nos casos de sua utilização como fundo musical para a adoração e a reflexão no decorrer do culto (Santos, 2003).

1.2 – Levantamento da Situação Metodológica do Ensino de Música das Igrejas

1.2.1 – Método de Bandas de Música

Nas igrejas protestantes do século XVIII, antes dos órgãos, os instrumentos de orquestra apareceram com a função de enfatizar o cântico. Nas igrejas evangélicas foi fundamental a influência dos americanos. A comunidade patrocinava apresentações de orquestras completas e a igreja utilizava coros de trombones especialmente em reuniões ao ar livre (Hustad, 1991). A formação atual das bandas de música nas igrejas, originam-se desta influência. Elas têm a função de acompanhamento ou de apresentações instrumentais no decorrer do culto.

As bandas nas igrejas têm uma formação de orquestra com a adição dos saxofones e bombardinos, e a participação de instrumentos de base (guitarra, contrabaixo elétrico e bateria).

A pesquisa feita nas três igrejas evangélicas já citadas acima, revela que apenas 20% dos instrumentos utilizados nas igrejas pertencem ao músico, e mostra que 80% dos instrumentos utilizados pertencem à própria igreja, em especial os instrumentos de base (Guitarra, baixo, teclado e etc.). Os alunos que aprendem teoria musical tem na banda de música, a grande oportunidade de praticar o que aprenderam.

O repertório das bandas evangélicas são os hinos tradicionais de cada igreja, podendo ser executados da maneira como escrito nos hinários ou com outros arranjos, utilizando ritmos brasileiros e/ou internacionais.

Na mesma banda são aceitos músicos de vários níveis. Os iniciantes geralmente utilizam partituras facilitadas, e os mais experientes utilizam as partituras

originais. Esse recurso resulta uma interação e possibilita troca de informações. Essa prática é o segredo do bom desempenho dos alunos. Nas igrejas, os estudantes de música possuem estímulos para o aprendizado musical devido ao fato de utilizarem o que aprendem de forma quase simultânea à prática musical nos cultos (Costa, 2008). Além disso não há dúvidas que “tocar um instrumento sozinho e tocar em grupo é muito diferente”. A relação restrita entre aluno e professor pode se tornar monótona (Espírito Santo, p. 17, 2006).

A prática de ensino coletivo garante o desenvolvimento da Banda enquanto grupo musical mais aceleradamente, porém requer estratégias e procedimentos práticos mais específicos, do que no ensino tutorial (Demarree, Moses, p. 5, 1995 citado por Barbosa, 1998).

A afirmação acima aponta para a necessidade de se terem outras estratégias específicas. Uma delas seria os professores fazerem cursos específicos sobre a prática pedagógica em cada instrumento. Isso porque cada instrumento necessita de um método de ensino diferente. Os profissionais de música nas igrejas poderão a partir disso, traçar metas diretas resultando um melhor ensino musical.

Nas igrejas pesquisadas, observa-se uma grande interação dos conjuntos de senhoras, de jovens, e outros grupos (chamados de departamentos) com as bandas de música. São escritos arranjos de hinos para a banda executar e os grupos cantam esses hinos em uníssono. Na igreja Evangélica Assembléia de Deus de Campos dos Afonsos, localizada na zona norte do município do Rio de Janeiro, por exemplo, a banda participa ativamente de quase todos os louvores cantados do decorrer do culto.

As bandas e orquestras são ambientes férteis para o processo de educação musical, pois têm ampla ligação com a prática instrumental direcionada ao preparo de

apresentações públicas, tendo importância sócio cultural (Vecchia, 2007). Nas igrejas evangélicas essas apresentações podem ser internas ou externas, como, por exemplo, nos grandes eventos para a evangelização.

A aplicação dos ensinamentos da Bíblia Sagrada, incentivou a formação de um determinado tipo de formação que através da música, que conduzisse a adoração praticada pelos membros da igreja. São os chamados grupos de louvor que possuem a função de acompanhar e direcionar o canto congregacional (canto em uníssono onde toda a congregação participa do cântico), podendo ser chamados também de ministérios de louvor. Formado por um grupo de instrumentistas e cantores que têm a responsabilidade de conduzir o canto coletivo nas igrejas evangélicas (Costa, 2008). Esses instrumentos se resumem a violão e/ou guitarra, baixo elétrico, bateria (podendo ter percussão), teclado e pode haver ou não um instrumento de sopro pra fazer solos nas introduções dos hinos.

As bandas e orquestras evangélicas de algumas igrejas visitadas apresentam alguns problemas de qualidade técnica instrumental e de interpretação musical. Geralmente os músicos tocam muito forte, mas o tocar em conjunto ajuda o praticante a ter noção de intensidade. É muito importante focar que as bandas evangélicas apesar desses problemas tem sido grande celeiro de onde saem ótimos músicos para as grandes orquestras e bandas seculares.

Uma reportagem no Jornal Extra relatou isso. “Fernando aprendeu a tocar trompete, mas não se contentou com as lições básicas”. Ele começou a estudar música na Igreja Assembléia de Deus em Nova Iguaçu e após isso, decidiu então entrar na Escola de música do Centro de Educação Tecnológica e Profissionalizante (CETEP) de Quintino e a partir deste momento que seu talento foi percebido e aperfeiçoado (Vieira, p.4, 2007).

1.2.2. Método de Canto e Grupos de louvor

A atividade do cântico nas igrejas acontece através da prática do canto em coros e através do canto congregacional.

O movimento da Reforma Protestante, fez com que o coral surgisse “a um tempo como uma forma musical bem definida e como o veículo de uma interioridade – individual e coletiva – completamente nova” (Massin, p. 289, 1997)

O estilo musical dos corais luteranos – de caráter popular, entonação fácil e cadência marcada em frases curtas, em geral ... muito contribuiu para o seu sucesso: os corais luteranos serviram como expressão religiosa de todo ou quase todo um povo... (Massin, p.290, 1997)

A música central do cristianismo evangélico é o cântico congregacional, sendo que a igreja demonstra o seu sacerdócio mediante o cântico.

Toda a pessoa é potencialmente envolvida: o corpo (no cântico), a mente (em entender o que está sendo cantado), as emoções (em sentir o que está cantado), e a vontade (em ser transformada pelo cântico) (Hustad, pg. 224, 1991).

O canto na igreja é encontrado sob duas modalidades: através da organização de coros nas igrejas e do canto congregacional.

O canto congregacional por ocasião da adoração, é para todos os participantes dos cultos (Hustad, 1991). O ministro de música (nas igrejas Batistas e Presbiterianas) e o Dirigente da igreja (nas Assembléias de Deus) são os responsáveis pelo cântico dos hinos encontrados nos hinários. Esse canto é, geralmente, feito no início dos cultos, por toda a comunidade, como já mencionado.

Existe uma outra maneira do canto congregacional ocorrer que foi gerada pela aplicação dos ensinamentos da Bíblia Sagrada, gerando a formação de um determinado tipo de formação que através da música, conduz a adoração praticada pelos membros da igreja. Pequenos grupos, chamados “grupos de louvor” se apresentam à frente da comunidade, na hora do culto, incentivando a participação dos fiéis com a ajuda de um projetor de *slides* com o texto dos hinos, facilitando a participação de todos. Os grupos de louvor possuem a função de acompanhar e direcionar o canto congregacional (canto em uníssono onde toda a congregação participa do cântico), podendo ser chamados também de ministérios de louvor. Formado por um grupo de instrumentistas e cantores possuem a responsabilidade de conduzir o canto coletivo nas igrejas evangélicas (Costa, 2008). O repertório tem semelhança com estilos considerados populares, com utilização de guitarras, baterias e outros instrumentos comuns na música difundida pelos meios de comunicação. Desta forma, os fiéis aprendem a letra e a melodia das canções de forma espontânea. Esses instrumentos se resumem a violão e/ou guitarra, baixo elétrico, bateria (podendo ter percussão), teclado e pode haver ou não um instrumento de sopro pra fazer solos nas introduções dos hinos.

A outra modalidade de canto encontrada na igreja é representada pelo coro evangélico que tem uma forma diferente de apresentação de cânticos. O coro precisa de ensaios regulares, partituras ou apenas as cópias com a letra dos hinos. Nas igrejas o regente do coro faz um teste de afinação para o ingresso do cantor no coro. Esse detalhe mostra o diferencial entre as duas modalidades de canto. O cantor precisa ser afinado, diferente do que acontece no canto congregacional, onde todos podem cantar. Não é exigido que o cantor leia partitura mas no decorrer do tempo o aluno buscará esse conhecimento que o ajudará muito na assimilação dos hinos. O repertório também é

distinto. O coro canta um repertório ao estilo da música erudita tradicional, a quatro vozes, nas divisões convencionais da música coral.

Araújo (2003) em seu trabalho narra a entrevista de um jovem enfatizando que vem de um lar cristão e se interessou pela música aos sete anos de idade. O motivo desse interesse é porque ele já havia participado do coral da igreja e, mais tarde, obteve interesse e investiu na formação em canto e como fonoaudiólogo, adquirindo diversas técnicas, atualmente segue atuando tanto na área secular quanto no meio musical evangélico.

Nas igrejas Batista, são formados diversos coros de acordo com a faixa etária. (coro infantil, coro dos jovens e de adultos). A prática coral é uma referência nesta denominação. Já na igreja Assembléia de Deus é comum existir apenas um coro, que abrange de adolescentes a idosos. No caso da Igreja Congregação Cristã do Brasil, não existe coral. A congregação atua nos cultos cantando os hinos sempre em uníssono sempre com o acompanhamento instrumental.

CAPÍTULO 2 - FORMAÇÃO DOS PROFESSORES E PROFISSIONAIS DA MÚSICA

A formação do professor é complexa e implica pensar tanto no espaço da formação como no espaço da atuação, não esquecendo da profissionalização que o professor adquire (Bellochio, 2003).

Através do levantamento de dados através de entrevistas, descobrimos que 60% dos professores que lecionam nas igrejas evangélicas não têm formação universitária e 20% nem formação em escolas de nível básico ou técnico possuem.

Nos artigos lidos sobre formação de professores, foca-se a formação de professores de música através do curso de Licenciatura. Mas em todos eles, encontra-se a necessidade da prática e influências sociais estarem entrelaçados, caminhando de forma paralela.

Hoje, o desafio para nós, formadores de professores, é aprendermos a incorporar os saberes da experiência e a reconhecer a prática como local de produção e crítica dos saberes (Del Ben, p.30, 2003).

Os músicos sem formação acadêmica atuam como professores/educadores em muitos espaços não-formais onde são encontrados na sua maioria as relações de afeto com a comunidade e não necessariamente em contratos de trabalho (Santos, 2001). A afirmação da autora mostra uma situação freqüente nas igrejas que é o voluntariado. Em alguns casos ensina-se, segundo eles, por amor a Deus não exigindo nesse caso a formação acadêmica. Existem ainda casos onde os professores são contratados pelas igrejas e isso com certeza proporcionou um aumento significativo na técnica instrumental dos alunos.

Bellochio (2003) afirma que o educador musical necessita de conhecimentos musicais e pedagógicos, não esquecendo do contato direto com a cultura. Mas nas igrejas evangélicas isso não acontece. “O aluno que está estudando música é um veículo propagador de crescimento, pois ensina o pouco que sabe, inclusive na igreja” (Bastos, p.18, 2004). A formação básica musical como a prática de leitura musical e o desenvolvimento positivo no instrumento é o suficiente para que o aluno passe a assumir a função de instrutor/professor. Costa (2008) afirma que as igrejas são instituições que não existem para a formação profissional de seus membros, mas sim para a divulgação dos ensinamentos bíblicos e de comunhão, isto é, o objetivo principal não é a profissionalização, mas acaba acontecendo de forma espontânea. “Mesmo assim as igrejas tornam-se ambiente de exposição e prática musical, com uma regularidade que não se costuma se perceber em outros contextos (...)” (Costa, p.15, 2008) Mas até que ponto essa formação básica funciona?

A formação dos professores evangélicos se mostra eficaz no ambiente da prática musical dentro das igrejas, onde na maioria não há avaliações com médias para a aprovação do aluno. O aprendizado e desenvolvimento do aluno revela mais na prática. Por outro lado tem a controvérsia de que os alunos após aprenderem a ler a partitura, não querem seguir adiante com o estudo, achando que o ensino básico de música já estava num nível muito bom para quem não queria se profissionalizar. Essa afirmação foi ouvida por uma jovem enquanto realizava a pesquisa. Esses alunos não seguem a carreira de músico, buscam outra profissão, entretanto a maioria prefere seguir profissionalmente buscando o conhecimento fora das igrejas com um estudo constante do instrumento, independente se o seu professor/instrutor tenha adquirido uma formação técnica ou acadêmica.

Não é difícil identificar problemas em relação à falta de qualificação dos professores de música no âmbito das Igrejas Evangélicas, mas para uma interferência mais eficiente, contextos precisam ser pesquisados com mais intensidade. Através desta pesquisa foi identificado que a aula de teoria musical nas três igrejas pesquisadas utilizavam o Livro de Maria Luiza Priolli - Princípios básicos da música para a Juventude, que é, em geral, considerado por alguns um livro ultrapassado. O livro de solfejo Bona é utilizado na Igreja Assembléia de Deus em Campo dos Afonsos – RJ e na Igreja Batista de Jacarépaguá. Esses métodos, mesmo sendo considerados por alguns professores universitários ultrapassados, têm mostrado grande eficácia na formação dos profissionais de música.

Nascimento (2003) por outro lado discorda afirmando que “a questão da preparação profissional não pode mais ser pensada a partir da simples transmissão de conhecimentos e do adestramento para formas de trabalho” (Nascimento, p.70, 2003).

As articulações entre as vivências religiosas e musicais são responsáveis pelo grande número de alunos que procuram aulas e cursos específicos de música, não esquecendo também das escolhas profissionais (Torres, 2004).

Não é novidade afirmar que alunos que iniciaram com professores sem formação acadêmica são a grande maioria dentro das igrejas evangélicas. Dessa forma, configura-se uma sabedoria profissional transmitida de geração em geração, “pelo contato direto e prolongado com a prática especializada do professor experiente” (Cereser, p.31, 2004). Vieira (2003) reforça que, as lembranças musicais e a herança musical familiar e ambiental são fatores que integram uma sabedoria profissional.

Segundo Bastos (2004) a presença de evangélicos é muito forte nas escolas de música de todo o Brasil . “ Nas minhas aulas de trombone, a cada dez alunos, seis são

cristãos”. O diferencial se encontra na sua vivência musical dentro de suas comunidades eclesiais (Bastos, p.17, 2004). Os profissionais formados pelas igrejas evangélicas estão presentes em sua grande maioria nas Bandas militares das Forças Armadas (Marinha, Exército e Aeronáutica) e nas Bandas das Forças Auxiliares (Polícia Militar e Corpo de Bombeiros). Esse tipo de profissão, não exige do candidato uma formação acadêmica, isso resulta uma grande procura pelos músicos evangélicos. No Centro de Instrução Almirante Graça Aranha (Marinha) em Olaria, onde trabalho, dos vinte e quatro sargentos músicos, apenas sete deles não iniciaram o estudo musical nas igrejas evangélicas, resultando um total de 71% de músicos evangélicos iniciados musicalmente também nas Igrejas Evangélicas.

Vieira (2004) em seu trabalho, mostra uma pesquisa revelando que 100% dos músicos da Banda Sinfônica do Corpo de Fuzileiros Navais tiveram a sua iniciação musical em alguma Igreja Evangélica.

Esses dados refletem que mesmo sem a formação acadêmica dos profissionais que atuam nessa área, a educação musical que é realizada nas igrejas evangélicas é suficiente para o aluno seguir a carreira de músico.

2.1 – Problemas encontrados

A pesquisa feita nas igrejas citadas acima, revelou alguns problemas encontrados na formação dos profissionais que atuam na educação musical das igrejas. Nas aulas de teoria musical, os instrutores buscam priorizar o início imediato da leitura musical, onde iniciam com notação musical, compassos, alterações e principalmente, escalas maiores e

menores. Em conjunto com essa parte da teoria musical, eles entram na prática instrumental ou vocal.

A aceleração do tempo para o ensino, resulta no aprendizado defasado. Os autores Conde e Neves (1985) reforçam esse pensamento com a afirmação abaixo:

A preparação de novos músicos, sempre influenciada pela premência de tempo, leva em conta este fato, e faz-se através do contato direto com o instrumento e com o repertório: ao mesmo tempo, o jovem aluno recebe as noções teóricas fundamentais (quase sempre simplificadas(...)) e trabalha a técnica (...) (Conde, Neves, p.48,1985)

Na Igreja Evangélica Assembléia de Deus em Campo dos Afonsos, quatro alunos da banda, que iniciaram o estudo musical há um ano e meio, não sabiam citar o quadro de intervalos. Apesar da matéria ter sido dada, a mesma não foi fixada através de exercícios. Muitas dúvidas existem também em relação aos ornamentos. Na prática eles sabem fazer, mas a definição ainda não se encontra clara na mente desses alunos. As lições simplificadas diminuí o aproveitamento do resultado final em relação o aprendizado.

A afinação dos instrumentos é uma vertente que depende da prática individual de cada aluno. Quanto mais estudo, mais o aluno se habitua com o som de seu instrumento e com a afinação do mesmo. Os alunos iniciantes possuem muita dificuldade e os professores sem formação adequada, sentem muitas dificuldades para explicar a importância da afinação.

Observamos também que a dinâmica das bandas em 60% dos casos, não é observada. “Cada um quer tocar mais forte que o outro”, o regente segue com muita dificuldade, em buscando a uniformidade dos sons. Como alunos de todos os níveis tocam juntos, é muito difícil entrosar esses músicos numa mesma intensidade. Aos poucos os

alunos entendem que a beleza de uma música depende também dos detalhes da interpretação.

Já na prática de canto, como não é comum o uso de partituras para o canto congregacional, os instrutores apenas direcionam o canto. Todos os membros da igreja cantam os hinos. Nesse caso a formação musical é dispensável. No coro é a situação é bem diferente. As partituras são mais comuns e conteúdo da teoria musical é necessário. Não é comum, encontrar coros que aprendem o seu repertório sem a utilização de partituras, aprende-se apenas de ouvido e também se aprende através de kits de ensaio (Cd's).

A melhor formação desses profissionais, iria aumentar a qualidade dos coros evangélicos e também dos músicos que compõe as bandas.

CAPÍTULO 3 – EDUCAÇÃO FORMAL, INFORMAL E NÃO-FORMAL: CLASSIFICAÇÃO DA EDUCAÇÃO MUSICAL NAS IGREJAS

Considerando que o entendimento de que formas alternativas de educação se constituem como não-formais ou informais (Libâneo, 2007), o ensino da música nas igrejas evangélicas seria classificado como educação não-formal por autores como Gadotti (2005). As práticas coletivas organizadas assim como as bandas e coros das igrejas, seriam classificadas como educação não-formal. (Park; Fernandes; Carnicel, 2007)

Segundo Libâneo (2007) a educação formal é aquela que se refere a estruturação, organização e o planejamento intencional de um modo sistemático. O mesmo afirma que onde há ensino (escolar ou não) ali está presente a educação formal. Considerando essa afirmação, pode-se considerar que aulas em salas específicas, das igrejas evangélicas são aulas formais.

As diferentes formas educacionais foram desenvolvidas objetivando tornar o ensino mais prazeroso e proporcionar o aumento do interesse dos estudantes. São elas: educação formal, não-formal e informal. Os elementos que diferenciam esta classificação são os relativos à organização e à estrutura do processo de aprendizagem.

La Belle (1982) define educação não-formal como “toda atividade educacional organizada, sistemática, executada fora do quadro do sistema formal para oferecer tipos selecionados de ensino a determinados subgrupos da população”. A educação não-formal é mais difusa, menos hierárquica e sem burocracia. (Gadotti, 2005)

A educação informal é relativa a toda gama de aprendizagens que realizamos, e que acontece sem que haja um planejamento específico e, muitas vezes, sem mesmo

perceber (Trilla, 1996 citado por Libâneo, 2000). O aprendizado informal, acontece através da vivência individual e social.

Libâneo considera duas modalidades de educação; são elas:

1. Educação não-intencional – também chamada de educação informal ou paralela.
2. Educação intencional – que se subdivide em educação não-formal e formal (Libâneo, 2007).

Santos (1991) relata as características de grupos que apresentam características do ensino não-formal são a facilitação do engajamento do aluno na prática musical, incluindo a execução instrumental desde o início,

“ o acesso ao instrumento de imediato, participando com que é possível fazer no momento, em função das condições reais do sujeito (...) proporcionam o aprendizado prático e trazem estímulo ao aprendizado musical (Santos, p.11, 1991)

Pode-se afirmar, então, que o canto congregacional possibilita o aprendizado não-intencional (informal ou paralelo), pois o mesmo é realizado sem a intenção de profissionalização, com apenas um intuito: adorar a Deus. Cabe aqui reforçar esta afirmativa com a definição de Nassif (1980) que advoga ser a educação informal um “processo contínuo de aquisição de conhecimentos e competências que não se localizam em nenhum quadro institucional”(Nassif, p.270, 1980 citado por Libâneo, 2007). Nesse caso, o termo informal é o mais adequado para indicar a modalidade de educação que resulta do “clima” em que os indivíduos vivem, envolvendo tudo o ambiente e as relações socioculturais e políticas que se fundem no indivíduo e no grupo (Libâneo, 2007).

“A aprendizagem musical informal na Igreja acontece pelo uso comum e pela compreensão comum que se amplia pelo uso” (Kerr, p.5, 2004). Um exemplo disso é que,

cantando o hino várias vezes, sendo este passado de geração em geração acontece o aprendizado através da transmissão oral intuitiva.

Libâneo (2007) propõe uma setorização, ainda que esquemática, numa tentativa de explicar a interpenetração entre a educação informal, não-formal e formal. Com esta setorização, Libâneo (2007) afirma que a educação musical nas igrejas está classificada entre a educação informal e a não-formal. Arroyo (2000) afirma que existe também o trânsito entre o formal e o informal, onde se rompem os “modelos esteotipados de ensino da música” (Arroyo, 2000, p.89).

A afirmação reforça que não há uma classificação específica ou individual, mas que a relação da educação formal, não-formal e a informal sempre estará presente na educação musical nas igrejas evangélicas de forma constante.

Ao pensar no tema deste trabalho, pensava que a classificação do ensino de música nas Igrejas Evangélicas estava inserido no âmbito de educação não-formal, mas ao longo do trabalho descobrimos que essa classificação depende do tipo de atividade realizada nas igrejas. Essas atividades apresentaram diversas características que modificaram o resultado final desta classificação.

A educação não-formal, formal e informal se apresentam no ensino da música da seguinte maneira:

Canto Congregacional – Ensino Informal : O aprendizado é realizado de forma espontânea.

Canto Coral e Bandas de Música – Ensino Não-formal : Ensino obtido através de muitos ensaios de preparação técnica vocal e instrumental.

Aulas de música nas Igrejas Evangélicas – Ensino Formal : Aprendizado que ocorre nas salas de aula nas igrejas através de teoria musical e solfejo.

Dessa experiência, são capacitadas pessoas, talentos desabrocham no canto, na execução instrumental e também na regência. Em todas as atividades musicais observadas, o praticante absorve algum conhecimento que pode influenciá-lo ou não para escolher a carreira de músico profissional.

CAPÍTULO 4 – RELATO DAS PESQUISAS

As pesquisas foram realizadas nas seguintes igrejas: Igreja Evangélica Assembléia de Deus em Campo dos Afonsos – Zona norte do RJ, Congregação Cristã do Brasil em Vila Valqueire – Zona norte do RJ, Primeira Igreja Batista em Jacarepaguá – Zona oeste do RJ e no âmbito do Instituto Villa-Lobos, escola de música da UNIRIO. De cada igreja foram entrevistadas dez pessoas que atuam na área musical.

4.1 - Instituto Villa-Lobos UNIRIO

Foi analisada uma turma de Processos de Musicalização (Coro Infantil) da Professora Patrícia Costa do primeiro semestre de 2008, composta de trinta e cinco alunos, onde dez alunos tiveram sua formação musical inicial nas igrejas evangélicas representando 28,5% do total da turma. Como trabalho para esta turma, foi passado uma observação de ensaio de algum coro infantil. Os alunos que tiveram iniciação nas igrejas citaram as atividades que ocorrem e revelou um repertório de letras com repertório bíblico e a utilização de gestos, segundo os regente, ajudam na assimilação das letras e consequentemente, as crianças guardam as músicas com mais facilidades.

A turma de Prática de Estágio da Prof^a Silvia Sobreira também foi analisada. A pesquisa feita em outubro de 2008 constatou que dos vinte e quatro alunos presentes, seis deles iniciaram seus estudos em alguma igreja. Esse número representa que 25% dos total de alunos.

4.2 – Igreja Evangélica Assembléia de Deus em Campo dos Afonsos – RJ

Na Igreja Evangélica Assembléia de Deus em Campo dos Afonsos, foram entrevistados os integrantes da Banda de música da Igreja. A banda possui vinte e cinco componentes. Os ensaios são realizados sempre aos sábados 16:00h.

O questionário nos revelou que 100% tiveram a iniciação musical na própria igreja, mas apenas um componente está cursando Universidade de música. Desse total, oito componentes da banda, são de bandas militares (Forças Armadas).

As aulas de música acontecem aos sábados pela manhã com duração de uma hora e logo após, os alunos têm aula de prática instrumental. Nas aulas de teoria musical, são realizadas avaliações trimestrais para ver o nível de aprendizado de cada aluno.

Dos vinte e cinco componentes, apenas dez possuem instrumentos próprios. Os outros instrumentos são da própria igreja. 30% dos alunos, já participaram de workshops do seu instrumento, e dezoito desses alunos já passaram por alguma outra instituição de ensino de música (grande maioria a escola de música da Fundação de Apoio as Escolas Técnicas - FAETEC).

O responsável pela banda, Rafael Severiano, é aluno do curso de Bacharel em trombone da Escola de música da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e utiliza o método Da Capo no ensino de instrumento em sua igreja. O método Da Capo idealizado por Joel Barbosa (1998), é a aula de instrumento que acontece através do ensino coletivo.

“(…)o ensino coletivo barateia o custo do aprendizado da música instrumental pelo simples fato de que um professor atende mais que um aluno por aula, podendo se ter, (...) até trinta alunos em cada período de aula.” (Barbosa, p.194, 1998)

Ao observar esse método na Igreja Assembléia de Deus, observei que a maioria dos alunos não tem tempo de estudar o instrumento em casa o que atrasa o aprendizado. O professor tem que voltar a matéria dada na semana anterior. Esse problema foi detectado também pelo autor do método Da Capo e considerado o problema mais grave (Barbosa, 1998).

A Igreja Assembléia de Deus em Campo dos Afonsos (RJ), possui um coro. Acontece um ensaio por semana e apenas 20% dos componentes do coro sabem ler partituras. O repertório explorado são hinos tradicionais da Harpa Cristã (hinário tradicional da Igreja Assembléia de Deus) e outros hinos de outros grupos corais.

4.2 – Primeira Igreja Batista de Jacarepaguá

Neste caso foram entrevistados dez integrantes da Igreja de forma aleatória. O motivo da escolha foi que a aluna Cristina Soares do Instituto Villa-Lobos pertence a esta Igreja desde a sua infância. O que me chamou a atenção foi que a aluna iniciou os seus estudos musicais na própria Igreja Batista de Jacarepaguá aos seis anos de idade. Cristina, que é aluna também da turma de PROM de coro infantil, ao ser entrevistada, nos informou que a estimulação para aprender música aconteceu em casa e na observação nos cultos de sua igreja. “Foi uma estimulação precoce, comecei a estudar música aos seis anos, tive muita influência dos meus pais.”

Nessa Igreja Batista é desenvolvido um trabalho de ensino musical para crianças através da atividade coral. O coro é formado por vinte crianças, o regente e o pianista acompanhador (aluna do IVL Cristina Soares). É realizado um ensaio por semana aos domingos com duração aproximada de quarenta e cinco minutos, onde são utilizadas

partituras e letras. Ao observar os ensaios verifiquei que mais da metade das músicas utilizadas no repertório são cantadas com partituras, as crianças têm contato direto com a escrita musical tradicional. As apresentações do coro acontecem de três em três meses na própria igreja. O conhecimento musical é obtido por meio das dificuldades que surgem ao decorrer das atividades musicais e das necessidades que surgem a cada ensaio (Wille,2005). Essa afirmação remete claramente o que ocorre na Igreja Batista em Jacarepaguá, as atividades são desenvolvidas de acordo com os problemas nos ensaios do coro infantil, das atividades da musicalização e os professores buscam solucionar esses problemas.

Acontecem aulas de musicalização na própria igreja todas as quintas-feiras. Essa turma é composta por oito crianças incluindo a teoria e prática. É utilizado o repertório Sacro e alguns temas clássicos como o tema principal da Nona Sinfonia de Beethoven.

Na entrevista, descobrimos que 40% não possuem ou não estão buscando a formação acadêmica. Os 60% dos entrevistados possuem a formação tanto regulamentada quanto não regulamentada. Um bom exemplo é que dois ministros de louvor desta Igreja Batista são formados pelo Seminário Batista do Sul em em Música Sacra porém, este curso ainda não é reconhecida pelo MEC.

4.2 – Igreja Congregação Cristã do Brasil

Foram entrevistados dez pessoas que participam das aulas e atividades musicais dentro desta igreja, a mesma provê aos membros escolas musicais gratuitas em suas dependências. A iniciação musical de todos eles aconteceu na própria Igreja

Congregação Cristã do Brasil. A idade de iniciação musical está em torno de dez e quinze anos, onde a banda sempre teve grande influência. “Eu assistia aos cultos e gostava da banda, foi aí que eu decidi aprender a tocar”(Araújo, 2008). A Igreja Congregação Cristã faz com que os membros habilitados a músicos façam testes oficiais e depois disso é que o músico é oficializado para tocar nos cultos e nas demais reuniões.

O encarregado de orquestra é um músico habilitado e oficializado onde é designado para organizar ensaios da Orquestra da Congregação e ensinar a música.

Dos músicos entrevistados, cinco deles estão atuando em alguma área musical no mercado de trabalho, os outros cinco, tocam apenas na igreja e realiza outra atividade fora da igreja. Três entrevistados não possuem instrumentos, então utilizam os da própria Igreja Congregação Cristã. A mesma, investe bastante na área musical, a banda possui bons instrumentos que são entregues aos alunos e se tornam responsáveis por eles.

A cada seis meses, as Igrejas Congregação Cristã fazem uma reunião de músicos onde são contados em média cerca de duzentos músicos. Eles se juntam para fazer um grande ensaio que é conduzido pelo regente da banda da Igreja Matriz da Congregação Cristã no Estado do Rio de Janeiro.

Uma descoberta curiosa foi que as mulheres são restringidas a tocar somente órgão, sendo liberado o uso de outros instrumentos, são autorizadas a tocar somente em outros países que possuam poucos membros. Essa Igreja é a única na cidade do Rio de Janeiro que possui uma restrição entre homens e mulheres na prática instrumental.

Nas Orquestras da Igreja Congregação Cristã do Brasil, o repertório é composto por músicas do hinário da própria igreja e também são utilizados arranjos modernos com solos de diversos instrumentos.

Atualmente, a sua orquestra é composta pelos seguintes instrumentos:

Violino, Viola, Violoncelo, Flauta, Oboé, Fagote, clarinete, Clarone,
Acordeon, Saxofone (Soprano, Alto, Tenor, Barítono), Trompete, Trompa, Trombone,
Bombardino, Bombardino, Bombardão e órgão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho analisou as práticas utilizadas nas Igrejas Evangélicas, a sua classificação e seus resultados obtidos através das atividades musicais. Voltado para os profissionais desta área, este trabalho levantou questões que vai do objetivo principal do ensino musical nas igrejas até o alto índice de profissionalização dos alunos que iniciam o estudo musical nas igrejas.

As igrejas estão cobrindo o papel antes reservado aos cursos básicos e técnicos de música. Mesmo sendo instituições que não são formadas para a formação musical, encontramos um aumento relevante do número de alunos que vem das igrejas ingressando nas Universidades. Se, por um lado, existe a falta de preparo e da formação específica dos profissionais em relação as novas propostas de ensino de música, por outro, a igreja é um espaço que em geral apóia este trabalho tanto financeiramente quanto pelo esforço por parte dos professores com vista a um trabalho de preparar os músicos visando as apresentações em suas igrejas. Para que esse ensino tenha a qualidade mais elevada, seria necessário preparar os professores que já estão atuando nas igrejas com métodos inovadores de ensino de música.

Está claro que a música dentro das Igrejas Evangélicas além de facilitar a entrada da mensagem dos textos bíblicos propicia também um ensino musical de qualidade, mesmo não sendo esse o objetivo principal, esse ensino pode resultar na profissionalização desses alunos.

Vimos que o ensino que acontece nas Igrejas Evangélicas possui várias características, e são essas características que ajudaram no resultado final de classificação como ensino formal, não-formal e informal. Essas diferentes classificações acontecidas no

mesmo local, as igrejas, acontecem de forma mesclada, um potencializando o outro. Sem o Canto Congregacional, seria bem mais difícil a memorização das passagens da Bíblia, e não seria possível descobrir talentos nesse meio. Sem os instrumentos na prática religiosa faltaria beleza e um efeito mais melodioso nas músicas executadas. Essa integração resultou num ensino de música nas Igrejas Evangélicas muito surpreendente em relação ao mercado de trabalho.

A crescente pesquisa na área musical permite-nos um aumento no conhecimento podendo estabelecer novos elos entre os processos educativos e espera-se que este trabalho venha contribuir de certa maneira para o mesmo fim.

ANEXOS

1 – Questionário que foi utilizado como base na coleta de dados

Pesquisa Monografia

Nome: _____

Questionário:

- 1- Qual a sua formação? (Na área musical)
- 2- Qual o local de iniciação musical?
() Igreja () Escola/ Colégio () Espaços Sociais () Outros
- 3- Com que idade começou? _____
- 4- Teve alguma influência ou incentivo para estudar música?
() Sim () Não De quem ? _____
- 5- A Banda e/ou coro tiveram alguma função no seu aprendizado?
() Sim () Não
- 6- Está atuando em alguma área no mercado de trabalho?
() Sim () Não Qual? _____
- 7- Já participou de Master-Class com profissionais de seu instrumento?
() Sim () Não Quantos? _____
- 8- O instrumento que utiliza é próprio ou da instituição? _____

2 - Dados da pesquisa realizada pela revista Veja (utilizada como base do trabalho)



BIBLIOGRAFIA

ARAÚJO, Samuel. Louvor, música popular e mídia evangélica no Rio de Janeiro: utilização de músicas tradicionais em um determinado contexto de globalização. *Revista Transcultural de Música*, v.2, nov. 1996. Disponível em: <http://www.sibetran.com/trans/trans2/araujo.htm>. Acesso em: 30 set 2007.

ARROYO, Margarete. Transitando entre o “formal” e o “informal”: um relato sobre a formação de educadores musicais. In: SIMPÓSIO PARANAENSE DE EDUCAÇÃO, p. 77-90, Londrina, 2000.

BARBOSA, Joel Luis Barbosa. Desenvolvendo um método de banda brasileiro. Anais do X Encontro Anual da ANPPOM, p. 194-197, 2000.

_____, Método da Capo. Tese de Mestrado apresentada na Universidade Federal da Bahia, BA, 1998.

BASTOS, Gisele. Tom do céu – estudantes evangélicos são a maioria em muitas escolas brasileiras de música. *Revista Graça*, p. 16-19, Rio de Janeiro, Edição nº55, fev/2004.

BELLOCHIO, Cláudia Ribeiro. A formação profissional do educador musical: algumas apostas. *Revista da ABEM*, nº8, p.17-24, março 2003.

CARNICEL, Amarildo; FERNANDES, Renata Sieiro; PARK, Margareth Brandini. Palavras chaves em Educação Não-Formal. CMU, Campinas, 2007

CERESER, Cristina Mie Ito. A formação inicial de professores de música sob a perspectiva dos licenciados: o espaço escolar. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, v.11, 27-36, set. 2004.

CONDE, Cecília. NEVES, José Maria. Música e educação não-formal. *Pesquisa e música*. Rio de Janeiro, v.1, nº1. p.41-52, 1985.

COSTA, Henrique Gonçalves. Características do aprendizado musical e função dos ministérios de louvor das igrejas evangélicas brasileiras. Monografia. p. 2-16 Rio de Janeiro, 2008.

DEL BEN, Luciana. Múltiplos espaços, multidimensionalidade, conjunto de saberes: idéias para pensarmos a formação de professores de música. *Revista da ABEM*, nº8 p. 29-32, março 2003.

ESPÍRITO SANTO, Caroline Camargo. A Banda de concerto do Centro de Educação Tecnológica e Profissionalizante em Marechal Hermes: Formação Musical e dificuldades enfrentadas. Monografia, 2006.

FAVARO, Thomaz. Evangélicos dão o tom. Revista Veja, Rio de Janeiro. Edição nº 427, junho/2007.

GADOTTI, Moacir. A questão da educação formal/ Não-formal. Sion (Suíça), outubro, 2005.

HUSTAD, Donald P. *Jubilate! A música na Igreja (Church Music in the Evangelical Tradition)* Trad. Adiel Almeida de Oliveira, Editora Vida Nova. p. 243-256, São Paulo, 1991.

KERR, Samuel ; Dorotéia. Música e Educação no protestantismo brasileiro. *Tempo e Memória*. Revista do Programa Interdisciplinar em Educação, Administração e Comunicação. Universidade São Marcos, ano 2, nº2, p. 113-120, janeiro-julho 2004.

LIBÂNEO, José Carlos. Pedagogos e pedagogia, para que? Editora Cortez, p. 86-95, São Paulo, 2007.

MASSIN, Jean; MASSIN, Brigitte, Nova Fronteira, *História da Música Ocidental*, Rio de Janeiro: 1997.

NASCIMENTO, Sônia de Almeida do. Educação Profissional – Novos paradigmas, novas práticas. Revista da ABEM, Porto Alegre, v.8, p.69-79, mar. 2003.

SANTOS, Regina Márcia Simão. A formação profissional para os múltiplos espaços de atuação em Educação musical. Anais. X ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, p.41-66, Uberlândia, 2001.

_____. Práticas Musicais, Educação e Inteligência espiritual: Novas visões sobre o ensino religioso e música na educação escolar. Revista EDUCADOR, ano XII nº 45, p.14-19, 2003.

VIEIRA, Leticia. Ao som do trompete, a realização de um sonho. Jornal Extra. 4 mar. 2007

VIEIRA, Lia Braga. O professor como fator condicionante na preparação em educador profissional em música. Revista da ABEM. Porto Alegre, v.8, p. 75-79, mar. 2003.

VIEIRA, Themístocles. A alfabetização musical da Banda Sinfônica do Corpo de Fuzileiros Navais. Monografia, 2004.

WILE, Regiana Blank. Educação musical formal, não formal ou informal: um estudo sobre processos de ensino e aprendizagem musical de adolescentes. *Revista da ABEM*, UFPel, Porto Alegre, V.13, p. 39-48, set.2005.